FACULDADE Eficaz
REVISTA ELETRÔNICA
ISSN 2178-0552

O LÚDICO COM RECURSO METODOLÓGICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ANTONIO, Shirley Aparecida Barboza Toledo

Resumo: Este artigo tem o objetivo de evidenciar o trabalho lúdico como recurso metodológico a ser aplicada com alunos em processo de alfabetização de jovens e adultos. Foi usada como metodologia a pesquisa bibliográfica e foi desenvolvida a partir de literatura específica para a modalidade de ensino. A pesquisa demonstrou argumentos de autores que evidenciam a história da educação de jovens e adultos no Brasil, a argumentação a partir do materialismo histórico como princípio educativo que valoriza a aprendizagem a partir da prática social do aluno e por fim, estabelecer o conceito de atividades lúdicas como necessária e possível de ser efetivada para o desenvolvimento da autoestima, do aprendizado da leitura, da escrita e da superação das desigualdades sociais de jovens e adultos em processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização de jovens e adultos, letramento, lúdico na aprendizagem.

Abstract: *This article aims to highlight the playful work as a methodological resource to be applied to students in the youth and adult literacy process. It was used as methodology the bibliographical research and was developed from the literature for the teaching mode. Research has shown arguments of authors that show the history of adult education in Brazil, the argument from historical materialism as an educational principle that values learning from the student social practice and finally, establish the concept of recreational activities as necessary and possible to be effective for the development of self-esteem, learning reading, writing and overcoming social inequalities youth and adult literacy process.*

Keywords: *Literacy for youth and adults, literacy, playful learning.*

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, será apresentado um estudo realizado a partir do uso de atividades lúdica na educação de jovens e adultos. Apontando o problema referente à melhoria da qualidade de ensino, que teoricamente apresentamos como formações de sujeito letrado propõem como objetivo principal expor por meio de referencial teórico apontado nas referências, desenvolver por meio de atividades lúdicas, a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem do aluno adulto, visando à superação das desigualdades sociais, do estigma vivido por esta camada da sociedade que de modo geral é distante da cultura letrada e apresentar a necessidade do trabalho a partir da realidade do aluno, produtor de sua própria história, da suas memórias.

A alfabetização e o letramento do aluno adulto são socialmente discutidos, no âmbito de políticas públicas e na pesquisa acadêmica em diversos trabalhos apresentados. Esta preocupação trouxe motivação, pois há um distanciamento entre a formação que se propõe ao adulto, que deve ser diferente do oferecido a uma criança. O adulto, a partir de sua prática

inicial já constituída, conforme aponta autores como Vygotsky (1977) e Ribeiro (1997) tem uma percepção de uma pré-estabelecida e interage com o outro a partir de suas necessidades, conforme afirma Freire (1978), Durante (1998) e Soares(2004).

Para a construção deste trabalho, foi usada como metodologia, a pesquisa bibliográfica por entender que, apesar do tema ser pouco abordado pela academia, a questão da ludicidade é alternativa positiva para autores como Huizinga (1993) Duarte Jr. (1986), Ostrower (1987) entre outros.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tecendo um breve histórico sobre a de educação de jovens e adultos no Brasil, vamos remeter nosso pensamento desde o período colonial, fase em que poderemos perceber que o ensino, tinha um objetivo específico direcionado às crianças, mas indígenas adultos foram também submetidos a uma intensa ação cultural e educacional.

Ações aplicadas pela Companhia Missionária de Jesus pressupunham como função simplista, catequizar e alfabetizar os povos indígenas. Posterior a este processo, é notória a distinção de classes, o surgimento do elitismo que restringia a educação às classes populares. As aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica), foram por direito aplicada aos filhos dos colonizadores portugueses caracterizando um processo de exclusão por vias da condição econômica.

Posterior a este processo introdutório de institucionalização da educação no país. Percebe-se que paralelamente ao desenvolvimento educacional do Brasil podemos perceber a seguinte situação econômica em que estava vivendo a sociedade brasileira. Assim, com a crise cafeeira de 1929 há uma mudança na economia, o capital passa a ser empregado não só no sistema agrário, mas também se estimula o investimento no setor industrial. Nesse período, entre a Proclamação da República e o início da década de 20, a democracia brasileira vai se fortalecendo segundo os desígnios dos setores vinculados à burguesia agrário-comercial dos centros produtores da região centro-sul, onde a burguesia paulista detinha uma posição hegemônica (MANFREDI, 1981).

Na década de 20, há uma revolução na política brasileira articulada pela classe média urbana e setores da própria classe dominante que não tinham interesse no comércio do café. Com a vitória da Aliança Liberal (Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba) em 1929, a política brasileira se encontrava num “vazio de poder, porque havia um colapso no poder da burguesia cafeeira e uma incapacidade das demais frações para assumi-lo” (FAUSTO. 1972, p. 44).

Atrelado a esta mudança de paradigma educacional, permeado pelas alterações do mundo econômico, tendências como a Escola Nova e as ações promovidas pelos movimentos sociais inspirados nas perspectivas da Pedagogia de Paulo Freire. Nesse sentido, as pessoas analfabetas não deveriam ser vistas como imaturas e ignorantes, além disso, “o problema do

analfabetismo não era o único nem o mais grave da população: as condições de miséria em que vivia o não alfabetizado é que deveriam ser problematizadas" (STEPHANOU; BASTOS, 2005).

O fim da década de 50 e início da década de 60 de acordo com os apontamentos de Stephanhou e Bastos (2005) foram marcados por uma mobilização da sociedade em prol da educação de adultos. Podemos citar movimentos sociais que surgiram nesse momento histórico, como o "Movimento de Educação de Base" (1961- CNBB), Movimento de Cultura Popular do Recife (1961), Centros Populares de Cultura (UNE), Campanha de Pé no chão Também se Aprende (Prefeitura de Natal). Esses programas, por meio das propostas da pedagogia freiriana, identificavam o analfabetismo "não como a causa da situação de pobreza, mas como efeito de uma sociedade injusta e não-igualitária" (STEPHANOU; BASTOS 2005, p.204).

Esses movimentos sociais tinham como objetivo, reconhecer e valorizar o saber e a cultura popular, levando em consideração deste modo, a pessoa não alfabetizada como sujeito que produz conhecimento. Diante disto, podemos ir adiante escrevendo conceitos de alfabetização e letramento como proposta de formação da pessoa letrada, da pessoa alfabetizada.

Leitura e escrita podem ser consideradas processos que se complementam, e são práticas fundamentais inclusivas e o convívio plenos em sociedades letradas. Alfabetização do adulto, diz respeito à aprendizagem da leitura e da escrita, tendo como ênfase principal a decodificação do que está escrito (leitura) e a codificação de ideias em palavras escritas (escrita).

A alfabetização contempla o entendimento de técnicas e mecanismos que estruturam a língua escrita, tratando-se de um processo mais restrito do que a função do letramento. Todavia, os processos de alfabetizar um adulto, perpassam para a formação do concreto, priorizando a leitura e da escrita de forma letrada e se caracteriza como princípio teórico básico para considerarmos o sujeito letrado. Assim, "há que se reconhecer que as formas de letramento na sociedade de classes têm uma clara dimensão política, não admitindo nenhuma versão puramente técnica". (BRITTO, 2004). Porém, para alguns autores, a exemplo de Emília Ferreiro, a alfabetização está intimamente ligada ao processo de apreensão da realidade, por contribuir para a aprendizagem da leitura de mundo.

As considerações da professora Magda Soares (2004), indicam que a pessoa que aprende a ler e escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita – que se torna letrada. É diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever, analfabeta ou sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita.

A mesma autora ainda argumenta que ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: "aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é assumi-la como sua propriedade". (SOARES, 2004, p. 143).

A base teórica para a sustentação de um processo de aquisição da leitura e da escrita, parte do princípio do materialismo histórico e dialético, sendo a relação todos os agentes envolvidos nesta manifestação em prol da aquisição do conhecimento científico, das técnicas e de metodologias tendo como referência o contexto social.

Este contexto social é o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem. (VYGOTSKY, apud SMOLKA, 1989, p. 65).

O materialismo histórico considera que todo conhecimento, seja senso comum ou científico, construído é resultado de um processo histórico e cultural, ou seja, o homem utiliza à escrita, em diferentes contextos sociais, porque necessita de comunicação, dentre outras funções oriundas dessa prática. Vygotsky (1977) leva em consideração o caráter discursivo da escrita e a possibilidade de interação que esta proporciona, ou seja, a escrita só faz sentido em um contexto de significados e de relações sociais.

Para Vygotsky (1977), todo sujeito é potencialmente capaz de aprender a ler e escrever, porém com ritmos e condições diferentes. Pode ser atribuída à educação, a inclusão social por meio das práticas educativas, no contexto da educação a partir das relações que estabelece com o meio e consigo mesmo.

No tocante ao ato de ler e escrever com fluência, eram prerrogativas daqueles que, além de terem crescido em um ambiente familiar letrado, possuíam recursos para adquirir livros, para dedicar o tempo livre à leitura, para escrever e para conviver com outros leitores. Enfim, que podiam desfrutar do mundo escrito durante toda a vida. (SERRA, 2004).

Com a evolução das sociedades letradas, fazer parte de um grupo social, não sendo alfabetizado, criou no âmbito da sociedade um grupo de oprimidos pela ideologia das classes dominantes, favorece então a exclusão social. Para Ribeiro (2004), “as habilidades básicas de leitura e escrita estão muito desigualmente distribuídas entre a população brasileira, e que tal desigualdade está associada a outras formas de desigualdade e exclusão social”.

Diante das eventuais diferenças observadas a partir da realidade de pessoas adultas pouco ou sem nenhuma escolarização, percebemos estar diante de um grupo social característico de uma cultura, ativos, interagindo com o mundo letrado, e capazes de usar ferramentas diversificadas de análise e interpretação para ter a capacidades para utilizar as representações da língua materna. De formas variadas, todos possuem conhecimentos sobre a escrita como representação da língua (DURANTE, 1998).

A necessidade da escolarização do adulto não alfabetizado permeia as diferentes instâncias públicas da sociedade globalizada e é notória em trabalhos científicos de diversas naturezas, de tema para congressos, cursos, fóruns, causando efeito na quantificação e qualificação do

processo de formação dos alunos e da caracterização do professore para a modalidade de ensino jovens e adultos, dentro de suas peculiaridades e de sua história.

Ensinar, não é uma tarefa fácil, depende de fatores diversos como a utilização de bons materiais, trabalho docente adaptado para a modalidade de ensino, uso de estratégias para elaboração da síntese mental e a emancipação do sujeito, agora inserido no contexto da sociedade letrada.

A escolarização é uma necessidade humana e todos os seres humanos, segundo Paulo Freire (1977), são seres inacabados e, por isso mesmo, passíveis de mudanças individuais, sociais e históricas, e esta mudança se dá por meio da convivência coletiva com outros sujeitos sociais, em um processo permanente de ação e reflexão.

Pesquisando, pretende-se evidenciar a aprendizagem na EJA, enfocando como metodologia o uso do lúdico como estratégia do professor durante o processo formativo, visando à melhoria da qualidade do ensino.

A possibilidade do uso do lúdico na aprendizagem tem sido objeto de estudo praticamente exclusivo nos processos de alfabetização de crianças. Interessadas no brincar, na ação, na visualização para a elaboração e sistematização do conhecimento científico, o modo lúdico de ensinar agrega teorias e metodologias apropriadas.

O trabalho desenvolvido a partir da realidade do aluno, do senso comum, de conhecimentos prévios ou outra forma de expressar são conhecimentos que foram construídos a partir de sua vivência no cotidiano, de conhecimento que certamente não foram construídos no contexto escolar, e sim adquirida com a experiência, da reflexão e atuação na dinâmica social. Não estamos argumentando que a escola não é necessária, mas sim destacando a instituição como formadora da síntese a partir de sua prática social. Nas palavras de Durante (1998, p. 25):

> É na escola, no processo de pensar sobre o próprio conhecimento, que o indivíduo aprende a se relacionar com o conhecimento descontextualizado, independentemente das suas relações com a vida imediata. Tal conhecimento pode ser constituído em outras instituições sociais, mas, em nossa sociedade letrada, a escola é a instituição privilegiada para essa função.

Com o objetivo de focar o lúdico como estratégia de ensino, Pearce (2002) destaca duas faculdades importantes no desenvolvimento do ser humano: a inteligência e o intelecto. O subconsciente humano está voltado para a resolução de problemas e para a busca permanente de resolução de desafios encontrados. Apresenta estes conceitos como existência de dois pólos bem peculiares: de um lado a inteligência como natural do ser humano, e do outro o intelecto muito específico do indivíduo, a expressão da singularidade (PEARCE, 2002).

Mas o que constitui trabalhar com o lúdico? O que é uma experiência lúdica? Pode ser o momento de contato com determinada obra de arte ou com sua releitura, com a música, com a experimentação com dinâmica, jogos e alternativas para o lúdico.

É fundamental ressaltar que os processos de criação ocorrem em consonância com o meio sociocultural onde o sujeito está inserido. A natureza criativa do homem se elabora no contexto social, histórico e cultural. "Todo indivíduo se desenvolve numa realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se nos moldam próprios valores da vida" (OSTROWER,1987).

O homem é um ser criativo e dependente de sua natureza enquanto ser social e capaz de mudar seus ambientes, capaz também de fazer representações, opinar, criar conceitos. A criação humana pensada e elaborada só é possível quando contextualizada no conjunto de valores históricos, sociais, com o uso de regras e costumes de sua cultura. Assim, o produto da criação do homem pode ser válido e criativo em determinada cultura, mas pode não fazer sentido em outro contexto refletindo outra significação.

O homem ao atribuir significados ao seu contexto histórico e social, decorre diretamente sua dimensão simbólica. Por meio de símbolos, o homem pode estabelecer conexões para um mundo mais civilizado. De acordo com Duarte Jr.(1995), o universo adquire um sentido, e o homem pode vir a conhecê-lo, emprestando-lhe significações. Portanto, na raiz de todo conhecimento subjazem a palavra e os demais processos simbólicos empregados pelo homem.

Em relação à linguagem, podemos averiguar que está se tornou ferramenta indispensável para a vida social, o homem em sociedade tem aí à possibilidade de comunicar, ensinar, compreender e fazer comandos. Linguagem permite ao homem diferenciar os objetos, seu ambiente, sua relação com outros homens, sua dinâmica de vida. Nas palavras de Huizinga (1999), ao dar expressão à vida, o homem cria outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza.

Conceitos semelhantes são aplicados à imaginação. O homem ao criar um pensamento sobre aquilo que não conhece, brinca com a realidade. É importante pois com a mediação do professor, a elaboração do conhecimento científico fica mais próxima, melhorando a efetivação do ensino. Em relação ao "brincar", Freinet apud Freire (2002), faz um apontamento pertinente:

> A sabedoria humana já observara que 'quem brinca bem trabalha bem', porque, nesse campo do jogo-trabalho, não existe, como se vê, nenhuma oposição essencial entre jogo e trabalho. Só que, com o uso, essa prática do jogo foi tão pervertida que às vezes evoluiu para formas eminentemente perigosas do ponto de vista individual e social [...] a tal ponto que o adulto se irrita quando vê a criança brincar em vez de trabalhar.

Pensando o espaço escolar na aprendizagem do adulto, consideramos como apenas mais um espaço de construção de possibilidades de interação entre os sujeitos, de construção de identidades, da construção da aprendizagem. Quando restringimos ao espaço escolar, o único espaço de aprendizagem para o sujeito em processo de alfabetização, quem ensina, está ocultando os pressupostos teóricos do materialismo histórico que vê na prática social inicial,

como uma via de conhecimentos adquiridos em sua cultura, em seu modo e tempo de vida, na interação com o outro.

A escola é a instituição responsável por uma construção mais elaborada do conhecimento, neste contexto e que surge a manifestação de habilidades e de expressão de determinado grupo cultural, tornando possível contentamento no ato de aprender e de recriar novos olhares em relação ao mundo, valorizando a ação lúdica que o sujeito já desenvolve fora da escola em consonância com o interior da escola.

Oliveira (2001) afirma:

> Assim sendo, o universo das coisas lúdicas deixa de ser acessório ilusoriamente empregado para recompor aquilo que outras formas de trabalho e de interação social desfiguravam. Numa cultura solidária, as práticas lúdicas muito provavelmente teriam condição de imprimir cores mais vibrantes ao cotidiano coletivamente percebido, ensejando uma vida não apenas diferente, mas qualitativamente melhor porque predisposta a sempre se renovar risonhamente, de forma que torne os horizontes vividos em comum, mais promissores.

A partir de atividades lúdicas, o espaço escolar estimulara a valorização do cotidiano dos jovens e adultos, que, em geral, tem uma vida com sérias dificuldades financeiras, convivendo com o analfabetismo, discriminação, racismo, desemprego, longa jornada de trabalho mal remunerado etc. Deste modo, o lúdico na prática social desses sujeitos, representa a renovação dos aspectos humanos, desfavorecidos no dia a dia do trabalho.

Huizinga (2004, p. 16), "argumenta que o lúdico tem um papel fundamental para a descarga de energia acumulada, de absorção na atividade com prazer, representando um dispositivo social que auxilia na valorização da vida humana". Podemos interpretar pelo que cita o autor, que o lúdico é uma possibilidade de reunir para um objetivo comum, para compartilhar experiências vividas com outros e manter-se como sujeito ativo na sociedade.

Os grupos sociais apresentam formas diferentes de organização, sejam por meio de agrupamentos temáticos, organização de festividades, jogos dos mais vaiados e apresentações culturais representando seu grupo social etc. Se existe uma vida social efervescente na comunidade. Por que na mediação promovida pelo professor, estas manifestações não possam ser usadas como recurso metodológico?

Diante da perspectiva de trabalhar de modo lúdico em atividades escolares de formação educacional, considera-se a partir disto que existe uma conectividade entre as brincadeiras, a aprendizagem e a vivência do aluno e podem desencadear a formação do sujeito crítico e participativo de modo progressista no desenvolvimento do homem, crítico e consciente de seu papel da sociedade.

Citamos o lúdico como ferramenta constante para esta modalidade de ensino visando estreitar os vínculos entre o aprendiz e o conhecimento científico historicamente elaborado pelo homem. Na medida em que se reconhecem como indivíduos capazes de mudarem as próprias

convicções, sua valorização enquanto sujeito do processo, capaz de exercer atitudes convergem para uma dinâmica no mundo de forma mais aprendente e permeada de significados.

O lúdico é uma ferramenta para o processo de conscientização, do autoconhecimento, da coletividade, estimula ainda o raciocínio lógico, as habilidades motoras, linguagem escrita e a resolução de problemas. Abre ainda espaço para reflexões e pensamentos contextualizados com a realidade social, superando o senso comum e mediados pela figura do professor, se apropriar do conhecimento científico historicamente elaborado pelo homem.

As palavras do professor Paulo Freire (1978), convergem no sentido de dedicação por meio de políticas públicas, da formação de professores ou de qualquer apontamento em virtude da superação das desigualdades culturais e sociais. Concluindo, podemos apreciar a citação e fazer uma opinião da nossa postura enquanto educadores ou cidadão que pensa o bem comum.

> O desafio é construir uma educação, na qual o ser humano descubra que tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia de seu cancioneiro popular. Que cultura é toda criação humana. (FREIRE, 1978, p. 36).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o lúdico não representa a medida eficaz para a melhoria da qualidade do ensino na modalidade jovem e adultos é apenas uma ferramenta que necessita ser bem usada pelo mediador, no caso, o professor, que pelo domínio do conhecimento científico e das estratégias de aprendizagem, será o agente de interação neste contexto. Desenvolver a aprendizagem e a formação por meio de atividades lúdicas, pelos autores envolvidos na pesquisa, é possível e necessário para a superação de outra prerrogativa que pela dinâmica do trabalho não foi realizado que perpassa a superação da condição de oprimido.

A importância que se deve dar as falas dos alunos, como forma de reconhecer que há sempre a construção do conhecimento, mesmo que as alternativas esperadas sejam diferentes das esperadas, partir da realidade do aluno pode ser considerado um primeiro passo para superar a opressão da sociedade.

Garantir a escolaridade de qualidade exige postura dos alunos e professores fazendo possível a compreensão de um novo mundo, um mundo letrado, um mundo com menos desigualdades intelectuais e por que não sociais?

Conceber o saber do aluno consiste em penetrar na sua cultura, no seu modo de vida, explorar suas convicções, suas crenças, seus costumes. Nomear e sistematizar esse saber são tarefa importante da escola, fundamental, pois amplia sua capacidade de comunicação com o mundo que o rodeia, com seus pares, com o desconhecido ou mal interpretado.

Consideramos fundamental a continuidade destes estudos, pois se trata de uma educação com concepções diferenciadas da escolarização de crianças. O lúdico na aprendizagem é proposta pertinente aos educadores comprometidos com a mudança da postura mental dos alunos, que visam ser inclusos no mundo letrado, na sociedade do conhecimento, capazes de aprender e refletir sobre o mundo e que vive.

Procuremos compreender melhor este processo, não se cessa aqui a necessidade de síntese do problema apontado, mas sim, possibilitam a abertura de um contingente de metodologia possível que tem o adulto analfabeto, o sujeito de um processo de formação humana e cidadã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação**. In: RIBEIRO, Vera Massagão. Ação Educativa; Instituto Paulo Montenegro. Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF: 2001. 2 ed. São Paulo: Ação Educativa, Global, 2004.

DUARTE JR, João–Francisco. **Por que Arte-Educação?** 3ª edição. Campinas: Papirus, 1986.

DURANTE. Marta. **Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1972.

FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. Coleção Educação Física e esportes.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 7º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

MANFREDI, Sílvia Maria. **Política e Educação Popular**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1981

OLIVEIRA, Washington Carlos. **Ludicidadania no papel do educador: brincando com educação em direitos humanos na escola**. In: LUCKESI, Cipriano Carlos (org.). Ludopedagogia- Ensaios 1: Educação e Ludicidade. Salvador: UFBA/ FACED, 2000.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos criativos**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

PEARCE, Joseph Chilton. **O fim da evolução- reivindicando a nossa inteligência em todo o seu potencial**. 1ª ed. Ed. Cultrix. São Paulo, 2002.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (Coord.). **Educação de jovens e adultos : proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental**. São Paulo : Ação Educativa; Brasília : MEC, 1997.

RIBEIRO, Vera Masagão**. Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF: 2001**. 2 ed. São Paulo: Ação Educativa, Global, 2004.

SERRA. Elizabeth D'Angelo. **Políticas na promoção da leitura**. In: RIBEIRO, Vera Masagão. Ação Educativa; Instituto Paulo Montenegro. Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF: 2001. 2 ed. São Paulo: Ação Educativa, Global, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão. Ação Educativa; Instituto Paulo Montenegro. Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF: 2001. 2 ed. São Paulo: Ação Educativa, Global, 2004.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.** In: LURIA et al. Psicologia e pedagogia I: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Lisboa: Estampa, 1977.